

ENTREVISTA

Álvaro Gonçalves, sócio-fundador da gestora de private equity Stratus

‘Tudo vai voltar diferente do que era antes do vírus’

Modelos de negócios compatíveis com a retomada da economia podem ser a chave para o pós-crise

Valéria Bretas

A gestora brasileira de private equity Stratus tinha planos ambiciosos antes de a crise do coronavírus tomar conta do mercado ao redor do mundo. Das 7 empresas investidas por ela, duas estavam prestes a estreiar na Bolsa com a realização do IPO. Apesar de a pandemia ter atrasado os projetos, o sócio-fundador da Stratus, Álvaro Gonçalves, vê um lado positivo: o número de consultores e empresários que procuraram a Stratus foi maior em 10 dias do que no mês de janeiro inteiro. Fundada há duas décadas, o portfólio da Stratus tem histórico de peso. A Sinqia, por exemplo, é um dos cases de sucesso da casa: em 2013, quando a empresa abriu o capital, o seu valor de mercado era de R\$ 94,3 milhões. Em janeiro deste ano, antes da covid-19, foi avaliada em mais de R\$ 2 bilhões, segundo a Economática.

● Os investimentos em private equity estavam em crescimento desde 2017. O cenário de crise deve estacionar esse movimento?

O private equity é um camaleão e por isso é menos afetado pelos preços. Isso acontece porque ele recicla empresas em todos os cenários econômicos, mas não é imune porque precisa de capital para girar.



Crise. Gonçalves diz que gestora teve aumento de demanda

Assim como aconteceu em 2008 e em 2016, o private equity vai financiar a cicatrização dos ferimentos que estão sendo criados agora.

● Quais são os desafios da empresa a partir de agora?

São muitos desafios de gestão, logística e matéria-prima nas empresas investidas. Temos posição em sete companhias de grande porte. Duas estão em situação de lockdown e a solução é negociar as despesas pensando na volta das receitas no futuro. Além disso, estamos preparando novas lições de modelo de negócios para que ele seja compatível com a retomada. Afinal, tudo vai voltar um pouco diferente do que era antes.

● Os planos de curto prazo da

● Cicatrização

“O private equity é um camaleão e por isso é menos afetado pelos preços. Isso acontece porque ele recicla empresas em todos os cenários econômicos, mas não é imune porque precisa de capital para girar. O private equity vai financiar a cicatrização dos ferimentos que estão sendo criados agora.”

Stratus foram interrompidos, principalmente os IPOs?

Tínhamos duas empresas próximas de realizar o IPO neste ano, a BBM Logística e a Maestro Frotas. Outras duas também já estavam no nosso radar, a Flex Contact Center e a Cinesystem. Os projetos con-

tinuam, mas essa volatilidade no mercado altera a precificação. O Brasil está em um momento de recorde de abertura de capital. Em uma foto mais longa, essa curva permanece.

● Quais são os setores com mais potencial no atual momento?

Estamos olhando com atenção os setores de alimentos e varejo. Neste momento, saúde, tecnologia e infraestrutura também ganham mais espaço.

● Qual é o melhor caminho para o investidor evitar risco?

O investidor teve que aprender muita coisa nova em um período muito curto. O brasileiro ainda estava se acostumando a testar variações na carteira em um ambiente de juros baixos, então a pandemia trouxe uma trombada muito forte. O primeiro passo é não ficar só na renda fixa, mas ter ativos diferentes dentro do seu perfil de risco. Diversificar é o nome do jogo.

● É possível tirar algo de positivo dessa crise?

Apesar de ser um ciclo agudo atípico, existe um lado bom nisso tudo. Em dez dias, recebemos mais ideias de projetos de consultores e empresários do que durante o mês de janeiro inteiro. Vamos crescer ainda mais agora.

● O que a Stratus planeja conseguir este ano?

Dois processos de fusão ou aquisição entre as nossas empresas investidas estão no radar para sair até dezembro. Temos muitos pratos girando.